Parques Nacionais do Brasil na Região Sudeste Nota

Existem sete Parques Nacionais na Região Sudeste do Brasil, alguns em regiões montanhosas próximas ao litoral, que os tornam de rara beleza e grande interesse científico. São eles o Parque Nacional da Serra da Canastra, o Parque Nacional da Serra do Cipó, o Parque Nacional do Caparaó, o Parque Nacional da Serra dos Órgãos, o Parque Nacional da Tijuca, o Parque Nacional do Itatiaia e o Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Parque Nacional da Serra da Canastra - Criado em 3 de abril de 1972, pelo Decreto Federal nº 70.355, está localizado no Estado de Minas Gerais, abrangendo os municípios de São Roque de Minas, Sacramento e Delfinópolis. Sua área se estende por 71.525 hectares, com perímetro de 173 km. O clima na região é tropical, subquente úmido, com quatro a cinco meses secos por ano. A temperatura média anual varia de 18º a 20º C, com máxima de 34º e mínima de -4º a 0º C. O índice pluviométrico fica entre 1.500 e 1.750 mm anuais.

No Parque Nacional da Serra da Canastra estão localizadas as nascentes de dois importantes rios brasileiros - o rio São Francisco e o rio Araguari. Em seus limites, o rio São Francisco percorre cerca de 14 km até atingir a escarpa da Serra da Canastra, onde forma a cachoeira Casca D´Anta, com três quedas e cerca de 200 metros de altura.

O relevo da região caracteriza-se pela existência de dois chapadões - o da Canastra e o das Sete Voltas - além do vale formado entre eles, que tem seu ponto culminante no topo da Serra Brava, com 1.496 metros de altitude.

A cobertura vegetal do Parque é típica de cerrado do Brasil Central, encontrando-se campos limpos nas partes mais altas, onde se destacam a fruta-de-lobo (Salanum spp), a lixeira (Curatella americana), o pequi (Caryocar brasiliense) e o pau-de-colher (Salvertia convallariodora).

Entre a fauna encontrada na área, há espécies oficialmente ameaçadas de extinção, como o tatu-canastra (Priodontes giganteus), o tamanduá-bandeira (Mymercophaga tridactyla) e o lobo-guará (Chrysocyon brachyurus). Outros mamíferos encontrados na área são o cachorro-do-mato (Cerdocyon thous), a lontra (Lontra sp), o veado-catingueiro (Mazama gouazoubira), o bugio (Alocatta fusca), o macaco-prego (Cebus apella) e o guaxinim (Procyon cancrivorus). Entre as aves destaca-se a ema (Rhea americana), o martim-pescador (Ceryle torquata), o tucano-açu (Ramphastus toco), o curió (Oryzoborus andolensis angolensis) e o canário-da-terra (Sicalis flaveola).

Não obstante ser de fácil acesso por rodovias asfaltadas a partir das cidades de Belo Horizonte e São Paulo, o Parque não dispõe ainda de infra-estrutura adequada para a hospedagem de visitantes.

Parque Nacional da Serra do Cipó - Situado no Estado de Minas Gerais, nos municípios de Jaboticatubas, Santana do Riacho, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, o Parque tem área de 33.800 hectares e perímetro de 85 km. Foi criado em 25 de setembro de 1984, pelo Decreto Federal nº 90.223. O clima na região é tropical, quente semi-úmido, com quatro a cinco meses secos por ano. A temperatura média anual vai de 20º a 22º C, com máxima atingindo 34º a 36º C e mínima variando de 0º a 4º C. O índice pluviométrico é de 1.500 a 1.750 mm anuais.

A Serra do Cipó divide as águas das bacias dos rios São Francisco e Doce, formando paisagens de grande beleza, como a Cachoeira da Farofa, com mais de 70 metros de queda livre, e o canyon das Bandeirinhas, por onde corre um ribeirão. Era chamada anteriormente de Serra da Vacaria e foi o primeiro caminho natural dos Bandeirantes que se dirigiam ao nordeste de Minas Gerais, em busca de pedras preciosas. Constitui-se um belo conjunto de montanhas, rios, cachoeiras e campos, de relevo acidentado e altitudes que variam entre 700 e 1.700 metros.

A vegetação apresenta-se em três tipos: matas de galeria, campos cerrados e campos rupestres ou de altitude. Nos vales ao longo do curso dos rios predomina a mata de galeria, com grande quantidade de árvores frondosas. A região de cerrado pode ser identificada pelas árvores baixas e tortuosas e pelas espécies como o murici (Byrsonimia verbascifolia) e o pau-terra (Qualea grandiflora). Acima de 900 metros, os campos de altitude são em geral bem abertos e cortados por rios e riachos permanentes. A criação do Parque tornou possível a proteção de uma espécie própria da Serra do Cipó, a canela-de-ema (Vellozia piriseana), sobre a qual cresce um raro e exótico tipo de orquídea, a Constantia cipoensis.

A fauna do Parque inclui mamíferos e aves, entre os quais se destacam algumas espécies ameaçadas de extinção, como o lobo-guará (Chysocyon brachyurus) e o cachorro-do-mato-vinagre (Speothos venaticus). Entre os répteis destaca-se a rã diurna (Phyllobates flavipictus), que chama a atenção pelo colorido exuberante.

Embora não disponha ainda de infra-estrutura para hospedagem de visitantes, o acesso ao Parque pode se dar pela rodovia estadual MG-010, num percurso de 100 km desde a cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Hotéis também podem ser encontrados nas cidades próximas, como Lagoa Santa e Vespasiano.

Parque Nacional do Caparaó - Criado em 24 de maio de 1961, pelo Decreto Federal nº 50.646, situa-se a 221 km da cidade de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo e a 372 km de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais. Sua área abrange 26 mil hectares na Serra do Caparaó, onde estão os picos do

Cruzeiro, de 2.860 metros de altura; Cristal, com 2.798 metros; Calçado, com 2.840 metros; e o Pico da Bandeira, que tem 2.890 metros de altitude. Pertence ao sistema cristalino brasileiro. Na encosta espírito-santense, a Serra do Caparaó é coberta por floresta pluvial tropical montana, que recebe ventos úmidos do mar e se encontra em razoável estado de conservação. O lado mineiro apresenta três patamares de vegetação: até 1.800 metros de altitude, vegetação mesófila; até 2.400 metros, vegetação higrófila; e acima de 2.400 metros, vegetação subestepária, onde se destaca floresta de ericácias, melastomatáceas e mirtáceas.

O clima da região é tropical, com temperatura média anual variando de 22º a 24º C, máximas de 34º a 36º C e mínimas de -4º a 0º C. A precipitação na área é de 1.250 a 1.500 mm anuais, sendo de novembro a janeiro o período mais chuvoso. A umidade relativa média anual fica em torno de 75%. Setembro é o mês mais seco e março o mês mais úmido. Os meses chuvosos são caracterizados pela presença de densa nebulosidade.

O principal rio da região é o São Domingos, que nasce a uma altitude de 2.000 metros e forma a cachoeira da Fumaça, grande atrativo do local. Outros rios, no entanto, também nascem dentro dos seus limites. O vale formado pelo rio Caparaó - Vale Verde - é um dos recantos mais procurados do Parque e tem várias atrações, que incluem cascatas e uma cachoeira que forma piscina natural a 1.100 metros de altitude.

As florestas hoje encontradas no Parque Nacional do Caparaó não apresentam as espécies encontradas no passado, como o pinheiro-do-paraná, por exemplo, que só ocorre em locais de difícil acesso. Hoje, a vegetação é quase totalmente secundária. As melhores matas aparecem no Estado do Espírito Santo. Existem pequenos trechos de matas que podem ser consideradas nativas, dos quais talvez possam irradiar sementes que venham a recompor a mata original.

Assim como a flora, os animais que restam no Parque são aqueles mais aptos a viverem em lugares que sofreram ações antrópicas, tais como os gambás (Didelphis spp), a paca (Agouti paca), o caxinguelê (Sciurus aestuans), o tapeti (Sylvilagus brasiliensis), o cachorro-do-mato (Cerdocyon thous), a irara (Eira barbara), o guaxinim (Procyon cancrivorus) e pelo menos uma espécie de gato-do-mato (Leopardus wiedii). Entre as aves destacam-se o inhambu-chitã (Crypturellus tataupa), os urubus (Caragyps atratus e Cathartes aura), o gavião-carijó (Buteo magnirostris) e a siriema (Cariama cristata).

O Parque é muito procurado por montanhistas, por oferecer oportunidades para boas escaladas, com vistas panorâmicas magníficas. Existem também locais para camping até uma altitude de 2.500 metros, no Pico da Bandeira. Existe um hotel, localizado próximo à sede, um centro de visitantes e trilhas para caminhadas. A cidade mais próxima é Manhumirim, situada a 27 km do local.

Parque Nacional do Itatiaia - Primeiro Parque Nacional criado no Brasil, em 14 de

junho de 1937, pelo Decreto Federal nº 1.713, a luta por sua criação teve início em 1913, por iniciativa do botânico Alberto Loefgren. Está situado na província biogeográfica da Serra do Mar, a sudoeste do Estado do Rio de Janeiro, na divisa com o Estado de Minas Gerais, entre as duas maiores cidades do País: Rio de Janeiro e São Paulo. Ocupa área de 30.000 hectares no maciço de Itatiaia, começando a 700 metros de altitude com floresta tropical pluvial, até alcançar 2.787 metros de altura, abrangendo zonas transicionais até os campos de altitude, que lembram o subpáramo andino.

Seu relevo é montanhoso, caracterizado por rochas pouco comuns no País - o nefelino-sienito - incluindo encostas e o topo da Serra da Mantiqueira, a 2.200 metros de altura, de onde emergem notáveis penhascos rochosos, os chamados "boulders".O pico das Agulhas Negras oferece muitas opções ao montanhismo, além de beleza singular. As cascatas e cachoeiras em suas encostas são muito procuradas por visitantes, especialmente a denominada Véu da Noiva. Para apreciá-la é necessário caminhar por uma trilha de 1,5 km de extensão, através de um percurso aprazível, repleto de atrações. Há ainda no interior do Parque, uma região de planalto permeada de lagos e lagoas permanentes, alimentadas pelo escoamento natural das águas, cuja superfície se mantém congelada durante o inverno. O ponto mais alto do Parque é o Pico do Itatiaiuçu, com 2.787 metros de altitude, localizado no maciço das Agulhas Negras. Despertam também a atenção dos visitantes, a Serra do Maromba, a 2.607 metros de altura, a Cabeça do Leão (2.408 metros), os Dois Irmãos (2.500 metros) e as Prateleiras, com 2.540 metros de altura.

A rede hidrográfica do Parque é formada pelos rios Maromba, Flores, Marimbondo, Preto e Aiuruoca. O clima úmido, o relevo, a distribuição de sua rede hidrográfica e as particularidades ecológicas tornam ricas as espécies de sua flora. A vegetação apresenta florestas hidrófilas nas partes mais baixas e vai se modificando à medida que se alcança altitude, com redução gradativa do porte das espécies, que vão sendo substituídas por formas de tamanho mais reduzido, até atingir os campos de altitude, a partir de 2.200 metros de altura. Nas altitudes de 400 a 600 metros ocorrem espécies da mata secundária, tendo já desaparecido as antigas florestas nativas do Vale do Paraíba. Nessas formações predominam as quaresmeiras (Tibouchina estrellensis), jacarés (Piptadenia communis), embaúbas (Cecropia sp), fedegosos (Cassia multijuga) e outras. A partir de 1.000 metros de altitude já se pode observar um caráter mais primitivo da mata, com árvores que atingem até 30 metros de altura. Destacam-se entre elas o cedro (Cedrela sp), o jequitibá (Cariniana sp), o jacarandá-caviúna (Dalbergia nigra) e a peroba (Aspidosperma sp) . Nas áreas acidentadas, a aproximadamente 2.000 metros de altitude, predominam as espécies de pinheiro-do-paraná (Araucaria angustifolia) e o pinheiro-bravo (Podocarpus sp).

A fauna do Parque Nacional do Itatiaia é muito diversificada. Embora algumas de suas espécies já se encontrem ameaçadas de extinção, ainda podem ser encontrados exemplares do muriqui (Brachyteles arachnoides), do saqüi (Callithrix

aurita), da onça (Panthera onca), da suçuarana (Puma concolor), do lobo-guará (Chrysocyon brachyurus), da harpia (Harpia harpya), da jacutinga (Pipile jacutinga), da preguiça (Bradypus tridactylus), da lontra (Lontra longicaldis sp) e da anta (Tapirus terrestris). Existem cerca de 250 espécies de aves no Parque, entre as quais se encontram o macuco (Tinamus solitarius), o inhambu-açu (Crypturellus obsoletus), o jacu (Penelope obscura), a pomba-amargosa (Columba plumbea) e o cuiu-cuiu (Pionopsitta pileata), além de grandes gaviões e outras espécies cujas populações encontram-se atualmente em fase de recuperação. Entre os répteis destacam-se as cobras venenosas, como a jararaca-da-serra (Bothrops fonsecai), a jibóia (Boa constrictor), além do teiú, (Tupinambis teguixin) e cágados (Phrynops sp).

O Parque oferece dois acessos principais: o primeiro pela rodovia Presidente Dutra até a cidade de Itatiaia e daí por estrada asfaltada de cerca de 14 km, até sua sede; o segundo, pelo planalto, ponto de partida para as escaladas às Agulhas Negras, passando pela rodovia Presidente Dutra até a entrada para a cidade de Caxambu, no Estado de Minas Gerais. Na parte baixa do Parque encontram-se a sede, os alojamentos, o museu e a biblioteca. Na parte alta há local para camping e abrigo. Nesse ponto o lugar é mais frio, chegando a temperatura a descer abaixo de zero no inverno, com geadas e neve nos picos das montanhas, fenômeno pouco comum no Brasil.

Parque Nacional da Serra dos Órgãos - Criado em 30 de novembro de 1939, pelo Decreto Federal nº 1.822, o Parque ocupa área de 11 mil hectares localizada no Estado do Rio de Janeiro, abrangendo os municípios de Magé, Teresópolis, Petrópolis e Guapimirim. Encontra-se nas partes mais altas e abruptas da Serra do Mar e apresenta topografia acidentada, com grandes desníveis de altitudes que variam de 400 metros a 2.263 metros, onde se encontra o seu ponto culminante, a Pedra do Sino.

As rochas da Serra do Mar foram formadas em épocas geológicas muito antigas, tendo sofrido movimentos mais recentes, o que resultou no imenso paredão que acompanha a planície costeira em direção à cidade do Rio de Janeiro. No alto desse paredão está o conhecido pico do Dedo de Deus, um bloco rochoso de 1.692 metros de altura em forma de mão fechada, com o indicador erguido, de onde pode ser avistada a cidade do Rio de Janeiro em dias de céu claro. Outros monumentos geológicos desse complexo de montanhas incluem o Garrafão, com 1.980 metros de altura, a Pedra da Cruz, com 2.130 metros, São Pedro, com 2.234 metros, São João, com 2.100 metros e Cara de Cão, com 2.180 metros de altitude.

A região é cortada por grande número de rios, entre eles o Paquequer, o Beija-Flor, o Soberbo e o Iconha. Em altitudes de até 500 metros, existem espécies de palmito (Euterpe adulis), pindobinhas (Geonoma spp), xaxins (Dicksonia sellowiana) e a embaúba (Cecropia sp). Nas altitudes de 500 a 1.500 metros, na chamada floresta de montana, a vegetação atinge aproximadamente 25 metros e inclui espécies como o baguaçu (Talauma organensis), o jequitibá (Cariniana excelsa), canelas

(Ocotea sp e Nectandra sp) e a canela-santa (Vockisia lurifolia). Acima de 2.000 metros de altitude, a vegetação predominante é de gramíneas e espécies que crescem sobre os rochedos.

A fauna inclui bandos de coatis (Nasua nasua) e tamanduás-mirins (Tamandua tetradactyla), além de cutias (Dasyprocta agouti). Há também grandes predadores carnívoros como o puma (Puma concolor), ameaçado de extinção. Entre as aves destacam-se o papagaio-de-peito-roxo (amazona vinacea), o bicudo (Oryzoborus maximiliani) e a jacutinga (Pipile jacutinga). Cobras venenosas também são encontradas na região, entre elas a jararaca (Bothrops jararaca) e a jararacuçu (Bothrops jararacussu).

O Parque recebe grande número de visitantes durante todo o ano. Encontra-se a 90 km da cidade do Rio de Janeiro, de acesso fácil pela rodovia que liga essa cidade a Teresópolis, onde há completa infra-estrutura de hospedagem e restaurantes para os visitantes.

Parque Nacional da Tijuca - Localizado na cidade do Rio de Janeiro, até o ano de 1967 chamava-se Parque Nacional do Rio de Janeiro. A nova denominação originou-se do fato de se encontrar dentro dos limites de um maciço denominado "da Tijuca". Foi criado em 6 de julho de 1961, pelo Decreto Federal nº 50.923 e sua área abrange 3.200 hectares. O relevo do Parque é montanhoso, abrangendo as serras de Três Rios, da Carioca e a Pedra da Gávea, com altitudes que variam de 80 metros, nos fundos do Jardim Botânico, até 1.021 metros no pico da Tijuca, ponto culminante da cidade do Rio de Janeiro. Paisagens de rara beleza foram formadas ao longo do tempo na região, destacando-se o Vale dos Macacos, a Mesa do Imperador e o Alto da Boa Vista, além da Pedra da Gávea, gigantesco afloramento rochoso em forma de mesa.

O clima é tropical, quente úmido, com um a dois meses secos durante o ano. A temperatura média anual oscila entre 22º a 24º C, com máxima atingindo 38º a 40º C e mínima de 4º a 8º C. O índice pluviométrico é de 1.250 a 1.500 mm anuais.

A vegetação da área é de floresta atlântica densa, hoje em processo de regeneração, após ter sofrido forte intervenção do homem no decorrer do tempo, chegando a ser devastada para dar lugar a culturas de chá, cana-de-açúcar e café. Com o abandono das plantações ocorreu uma reconstituição natural, acelerada pelo reflorestamento empreendido em 1861 pelo Major Manuel Gomes Archer, que plantou no local, cerca de 10 mil mudas de diferentes espécies, em sua maioria nativas da região, possibilitando a recuperação da floresta, com semelhança à original. Destacam-se entre a flora encontrada na região, o arco-de-pipa (Erythroxylon frangulaefolium), o óleo-pardo (Myrocarpus frondosos), jacarandás (Machaerium spp) e a tatajuva (Maclura tinctoria). Há ainda espécies raras de orquídeas, como a Renealmia chysotricha, coletada apenas duas vezes neste século. Existem ainda muitas flores na área do Parque, entre as quais se destacam as quaresmeiras (Tibouchina granulosa), as aleluias amarelas (Cassia multifuga) e

ipês amarelos (Tabebuia umbellata), além das embaúbas de largas folhas prateadas (Cecropia hololeuca). O acervo do Parque inclui ainda espécies de eucaliptos (Eucalyptus spp), jaqueiras (Artocarpus heterophyllus), nogueiras (Aleurites moluccana) e ainda uma espécie aliegínena à região, que é o pinheiro do paraná (Araucaria angustifolia).

Entre as aves destacam-se os beija-flores (Melanothochylus fuscus), o pequeno beija-flor besourinho (Phaerhorunis ruber), o tangará-verdadeiro (Chiroxiphia caudata) e diversos sabiás (Turdus spp). Podem ser encontrados também o periquito-rico (Brotogeris tirica), o raro papagainho (Touit melanonota) e a juruva (Baryphthengus ruficapillus).

Não obstante a proximidade da área urbana, ainda se encontram exemplares de mamíferos no Parque Nacional da Tijuca. Entre eles estão o macaco-prego (Cebus apella), o sagüi-estrela (Callithrix jacchus), o coati (Nasua nasua), a cutia (Dasyprocta agouti), o tapeti (Sylvilagus brasiliensis), o cachorro-do-mato (Dusicyon thous), a irara (Eira barbara) e o guaxinim (Procyon cancrivorus).

O Parque dispõe de boa infra-estrutura para visitantes, com percursos orientados que permitem a visita a seus principais pontos turísticos, como Cristo Redentor, a Vista Chinesa e a Pedra da Gávea.

Parque Nacional da Serra da Bocaina - Criado em 4 de fevereiro de 1971, pelo Decreto Federal nº 68.172, está localizado na divisa do Estado do Rio de Janeiro e São Paulo, abrangendo os municípios de Angra dos Reis, Parati, Areias e Cunha (RJ), além de São José do Barreiro e Ubatuba (SP). Sua área é de 100 mil hectares, com perímetro de 385 km. O clima na região é tropical, subquente úmido, com três meses secos por ano. A temperatura média anual é de 20º a 22º C, com máxima de 36º a 38º C e mínima de 0º a 4º C. As chuvas caem em volume de 1.250 a 1.500 mm anuais.

Situado na Serra do Mar, o Parque apresenta relevo montanhoso de característica peculiar, que se debruça abruptamente sobre o oceano Atlântico, formando despenhadeiros e grotões. As altitudes variam do nível do mar até 2.132 metros, onde se encontra seu ponto culminante, o pico da Boa Vista. Na parte sul do Parque alguns trechos das montanhas chegam até o mar. Em direção ao norte, no planalto da Serra da Bocaina, encontram-se vales profundos e recortados, que atingem em seguida, área de campos, com altitudes acima de 1.800 metros, onde surgem massas graníticas arredondadas.

Na parte mais baixa, até 500 metros de altitude, a vegetação de floresta atlântica densa apresenta árvores de médio porte, que raramente ultrapassam 20 metros de altura. As espécies encontradas nesses locais incluem o murici ou pau-de-tucano (Vochysia tucanorum), o baguaçu (Talauma organensis) e canelas (Nectranda sp e Ocotea sp), além de palmito (Euterpe edulis) e embaúba (Cecropia sp). Acima de 500 metros, onde ocorre a floresta atlântica densa montana, predominam o

pinheiro-bravo (Podocarpus sp), o óleo-vermelho (Myroxilom sp), o cedro (Cedrela fissilis), o açoita-cavalo (Luehea sp) e o óleo-pardo (Myrocarpus trondosus). Acima de 900 metros de altitude predominam os campos e gramíneas, com espécies características dessas áreas como a vassourinha-do-campo (Microlicia isophylla) e a sempre-viva-da-serra (Paepalantus polyanthus).

A fauna dessa região inclui mamíferos como o macaco-prego (Cebus apella) e o pequeno sagüi (Callithrix aurita). Observam-se também os ouriços-cacheiro (Sphigurus spp) e a preguiça (Bradypus sp), além de veados (Mazama spp), anta (Tapirus terrestris) e a cutia (Dasyprocta sp). Encontram-se ainda no Parque algumas espécies de aves ameaçadas de extinção como a harpia (Harpya harpya), o gavião-pega-macaco (Spizaetus tyrannus) e o gavião-de-penacho (Spizaetus ornatus), a jacutinga (Pipile jacutinga), o cuiu-cuiu (Pionopsitta pileata) e o macuco (Tinamus solitarius), além do tucano-de-bico-preto (Ramphastos vitellinus).

O Parque encontra-se ainda em fase de implantação, não dispondo de infra-estrutura para hospedagem, o que pode ser encontrado em cidades próximas como São José do Barreiro e Areias, a 27 km e 10 km de distância, respectivamente.